A Emergência da Sílaba nas Línguas Orais: Ontogênese ou Filogênese?

Eleonora C. Albano LAFAPE-IEL/Dinafon albano@unicamp.br





Sumário

- Estrutura e natureza da sílaba.
- Suas bases semióticas, lingüísticas e motoras.
- Duas visões darwinianas correntes da sua emergência na filogênese e na ontogênese:
 - A teoria arcabouço-conteúdo (frame-content, MacNeilage & Davis 1990, doravante AC);
 - A Fonologia Articulatória ou Gestual (Browman & Goldstein 1989, doravante FonGest).
- A discussão empírica em torno da ontogênese da sílaba consoante-vogal (doravante CV):
 - disjunção (AC)?
 - conjunção (FonGest)?
- Sua relação com as visões correntes da evolução da linguagem.
- Alguns dados ontogenéticos de co-ocorrência CV.
- Suas possíveis implicações evolutivas.

A sílaba: universal lingüístico intermodal

Línguas orais:

- CV como sílaba canônica.
- Constituintes: ataque, núcleo e coda (CVC).
- Demais estruturas: mais raras e, geralmente, decorrentes de mudanças fônicas, com perda de C ou V, p.ex:
 - V em hiato em português: saída < salida, boa < bona.
 - CC em ataque por perda de V: para > pra.
- Sílabas CV e V mais frequentes em crianças pequenas.
- Consoantes silábicas:
 - soantes, p. ex.: inglês, open, bottle;
 - obstruintes, p. ex.: berber, tsti, iSkd.

Línguas de sinais:

- Constituintes fonéticos sequenciais: lugar, movimento, lugar (L-M-L);
- Constituinte fonético simultâneo: conformação ou forma da mão (HS).
- Em comum: unidade da seqüenciação do movimento.

Bases lingüísticas, semióticas e motoras da sílaba

- A dupla articulação da linguagem natural humana:
 - Unidades significativas: palavras, morfemas;
 - Unidades distintivas: fonemas/"cheremas" (Stokoe 1960).
- Significação e iconicidade, p. ex., 'auau', 'miau'.
- Distinção e divisibilidade, p. ex., 'pata', 'bata', 'mata', etc.
- Sílaba:
 - Sede do contraste fonêmico;
 - Unidade motora e semiótica mínima.
- Movimento: base da estrutura da sílaba oral ou manual.
- O pensamento corrente sobre as relações entre as línguas de sinais e as línguas orais:
 - "The physical channel of transmission affects language in both modalities. Where sign languages are more simultaneously structured, spoken languages are more linear. Where spoken languages are mostly arbitrary, sign languages have a good deal of iconicity. However, none of these qualities are exclusive to one modality; it is only a matter of degree." (SANDLER, W. 2006. Sign Language: an Overview. **Encyclopedia of Language and Linguistics**. London, Elsevier: pp 328-38.)

A ontogênese da sílaba na AC

Caso I:

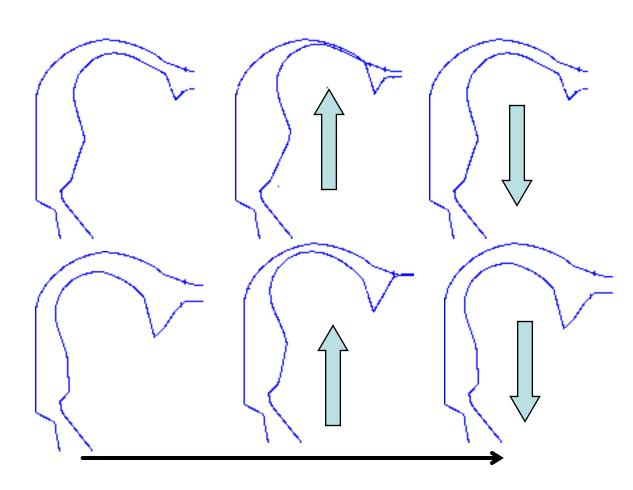
Língua neutra conteúdo ≈ /C labial + a/

Caso II:

Língua avançada conteúdo ≈ /C dental + V ant./

Caso III:

Língua retraída conteúdo ≈ /dorsal + V post./



Oscilação da Mandíbula como Arcabouço

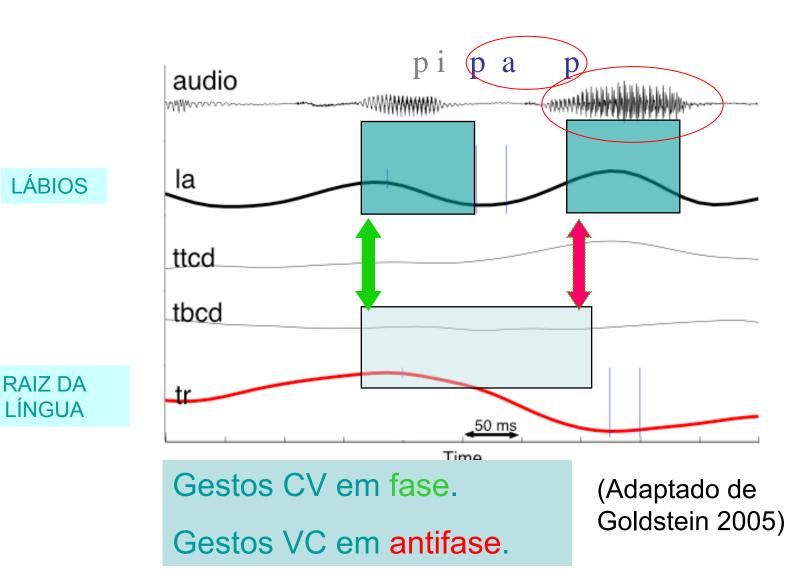
A ontogênese da sílaba na FonGest: análoga à coordenação motora geral

- Atratores universais (cf. TSD) de fase gestual (inatos, mas sintonizáveis):
 - 0° (fase): mais estável;
 - 180° (antifase).(Haken, Kelso & Bunz 1985)
- Outros atratores de fase gestual: adquiridos.
- Aceleração: transição abrupta para o atrator mais estável, i.e., 0° (≈ cf. Stetson 1928).
- Gestos C e V distintos: coordenação aprendida.

+180° -180° **Turvey**, 1990

(Adaptado de Goldstein 2005)

Coordenação C-V e V-C: atratores de fase 0° e 180°



A AC, a FonGest e a evolução da linguagem

- AC: oralismo evolutivo (Lieberman 1985, MacNeilage 2008):
 - Evolução gradual do trato vocal hominídeo para a fala pela vantagem cognitiva de uma combinatória simbólica arbitrária;
 - Evolução direta da semiose no canal auditivo-oral;
 - Emergência filogenética do arcabouço mandibular na evolução do trato vocal primata: de estalos labiais a sílabas;
 - Emergência ontogenética do conteúdo C e V por auto-organização.
- FonGest: gestualismo evolutivo (Corballis 2003, Arbib 2006):
 - Evolução da semiose na gestualidade bráquio-mano-facial;
 hominídea pela vantagem cognitiva da iconicidade pré-simbólica;
 - Emergência de proto-línguas bráquio-mano-faciais;
 - Evolução paralela do trato vocal hominídeo, com a emergência de gestos orais C e V aptos a suplementar a gestualidade mimética;
 - Migração do simbólico para a oralidade pelas vantagens:
 - da liberação das mãos (p. ex., forrageamento, grooming, cuidado infantil);
 - da sequenciação do movimento via coordenação CV;
 - da sua audibilidade/multimodalidade.

Re-análise de Lee et al (2007)

- A AC e os vieses de co-ocorrência CV:
 - no balbucio e nas primeiras palavras;
 - nos léxicos das línguas do mundo.
- Vieses recorrentes encontrados em pares de:
 - Cs labiais (p. ex. p, b, m, f, v) e Vs abertas (p. ex., a, E, O);
 - Cs coronais (p. ex., t, d, n, s, z, l, r) e Vs anteriores (p. ex., i, e, E);
 - Cs dorsais (p. ex., k, g) e Vs posteriores (p. ex., u, o, O).
- Problema: negligência da pluralidade dos fatores envolvidos no desenvolvimento oro-motor (Albano 2011).
- Re-análise: modelo log linear das frequências de coocorrência CV em aprendizes do coreano (Lee et al. 2007)
- Achado: fator principal não é interação Classe C/Classe V
 - Balbucio: Classe V > Sujeito/Classe C > Classe C > Classe
 C/Classe V > Sujeito > Sujeito/ Classe V.
 - Primeiras palavras: Sujeito > Sujeito/Classe C > Classe C > Classe V > Sujeito/Classe V > Classe V.

Um teste da AC no corpus de uma aprendiz do PB

- O corpus de C: Gonçalves (1989) e Gama-Rossi (1989)
 - Balbucio: 0;6-1;4;
 - Primeiras palavras: 1;5-2;0.

Tratamento:

- Adaptação ao computador da transcrição original (SAMPA);
- Codificação das classes C e V;
- Contagem automática de freqüência de co-ocorrência CV;
- Codificação manual do contexto de uso das sílabas/palavras;
- Contagem automática de freqüência dos pares codificados de contextos e sílabas/palavras.

Análise Estatística:

- X² e testes associados de força da associação e significância por célula;
- Análise log-linear da tabela de contingência.

A Co-ocorrência CV no balbucio de C

- O balbucio na FonGest: coordenação de gestos C e V como atratores bucais emergentes;
- Convenções da tabela:
 - Branco: desvios insignificantes;
 - Sinal de : desvios negativos significativos.
- Predomínio de laríngeas, sem atratores bucais:
 - C laríngeas: ~ 60%;
 - − V abertas: ~ 80%.
- Laríngeas sem vieses.
- Emergência de repulsores parece preceder a de atratores.

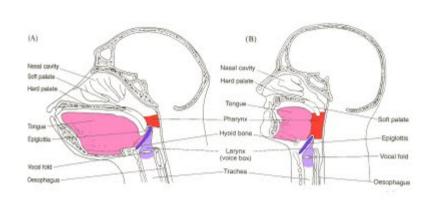
Balbucio de C	Anterior	Central	Posterior
Labial	ı		
Coronal			•
Dorsal	•		
Laríngea			

Co-ocorrência CV nas primeiras palavras de C

- Convenções da tabela:
 - Sinal de +: desvios positivos significativos.
 - Sinal de : desvios negativos significativos.
- Cs laríngeas: sem vieses.
- Cs dorsais: 1 viés positivo.
- Cs labiais/coronais: 1 viés positivo e 2 negativos.
- Quatro repulsores bucais?
- Não, ativação intensa dos atratores da região anterior do trato vocal.
- E muitos efeitos contextuais!

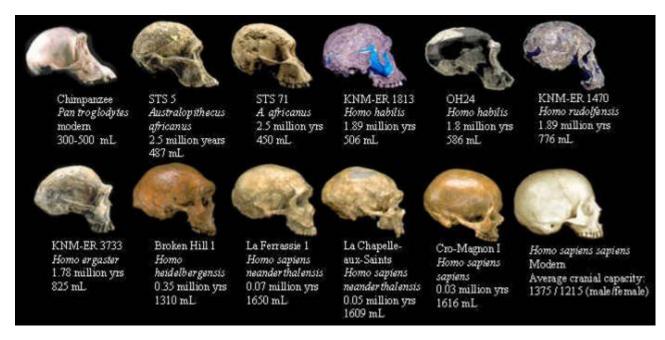
Primeiras Palavras de C	Anterior	Central	Posterior
Labial	ı	+	•
Coronal	+	•	•
Dorsal			+
Laríngea			

A evolução do trato vocal: uma breve pincelada



A notar:

- Posição da laringe;
- Tamanho e posição da epiglote;
- Forma da língua;
- Ângulo faringe-boca.



Coordenação C-V: implicações evolutivas

- A evolução do trato vocal hominídeo teria permitido emitir:
 - Mais e melhores soantes que as de outros primatas.
 - Obstruintes pronunciáveis isoladamente: clicks e fricativas.
- Proto-línguas de sinais teriam aproveitado tais sons como:
 - Diacríticos (sinais diferenciais);
 - Sinais **complementares**, icônicos ou arbitrários.
- A simples emissão sequencial de vogais, clicks e fricativas já aumenta muito a eficácia da relativa da oralidade.
- Salto devido à coordenação CV: as unidades distintivas ganham movimentos simultâneos, mediados por V.
- Numa cultura complexa, a necessidade de usar as mãos, poupar energia e compactar a informação favorece a simultaneidade nas unidades distintivas!
- Questões pendentes:
 - Teria havido uma evolução para a coordenação CV?
 - Como teriam interagido a seleção natural e as pressões culturais?

Referências Selecionadas

- Albano, E. (2011) Desconstruindo uma influente perspectiva atual em aquisição da fonologia: a teoria 'Arcabouço-Conteúdo'. In: G. Ferreira-Gonçalves; M. Keske-Soares; M Brum-de-Paula Estudos em aquisição fonológica, v.3. Pelotas: Gráfica e Editora Universitária, UFPel, pp. 11-58.
- Browman, C.; L. Goldstein (1989). Articulatory gestures as phonological units. **Phonology Yearbook**, 6: 201-251.
- Goldstein, L. (2005). Syllable structure and modes of coupled dynamical systems.
 Conferência proferida no PAPI 2005.
- Goldstein, L.; D. Byrd; E. Saltzman. (2006). The role of vocal tract gestural action units in understanding the evolution of phonology. In: M. Arbib (org.) **Action to language via the mirror neuron system.** Cambridge: Cambridge University Press, 215-249.
- Lee, S.; B. Davis; P. MacNeilage. (2007). 'Frame dominance' and the serial organization of babbling, and first words in Korean-learning infants. Phonetica, 64: 217–236.
- MacNeilage, P..; B. Davis. (1990). Acquisition of speech: frames, then content. In M.Jeannerod (ed.) Attention and performance, vol XIII. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 452–468.
- MacNeilage, P.; B. Davis. (2000). On the origin of internal structure of word forms.
 Science, 288: 527-531.
- Stetson, R. H. (1951 [1928]) **Motor phonetics: a study of movements in action**, Amsterdã: North Holland.